

Autor | Author

André de Paulo Evaristo*
[andrepaulevaristo@hotmail.
com]**ESPORTES PARAQUÊ?: O DESENVOLVIMENTO
DE ATIVIDADES ESPORTIVAS PARALÍMPICAS
NO AMBIENTE ESCOLAR****DEVELOPMENT OF PARALYMPIC SPORTS
IN THE SCHOOL ENVIRONMENT**

Resumo: O objetivo deste estudo qualitativo é relatar ações desenvolvidas em um projeto envolvendo esportes paralímpicos/adaptados numa escola da rede pública de ensino. Os esportes paralímpicos são atividades esportivas criadas ou adaptadas para pessoas com algum tipo de deficiência. No estado de Rondônia, é sugerido o trabalho desse tema em turmas de nono ano. A partir disso, desenvolveu-se o projeto em duas turmas de 9º ano (54 alunos com idades entre 14 e 17 anos) de uma escola periférica de um município localizado no Vale do Guaporé, RO. As ações buscaram proporcionar aos alunos maiores conhecimentos sobre a prática desportiva adaptada. As atividades do projeto envolveram aula expositiva, documentário sobre o tema, roda de conversa com paratletas e vivências de atletismo adaptado, golbol e voleibol sentado. Obtiveram-se resultados positivos, pois o projeto envolveu a participação de todos os alunos nas ações desenvolvidas, além de promover aos discentes o conhecimento de novas modalidades esportivas e permitir a reflexão sobre o preconceito e a inclusão social. É possível trabalhar esportes paralímpicos no contexto escolar, com adaptações ou não, promovendo aprendizados variados e importantes aos discentes.

Palavras-chave: esporte adaptado; inclusão; educação física escolar.

Abstract: The objective of this qualitative study is to report actions developed in a project, involving paralympic/adapted sports, in a public school. Paralympic sports are sports activities created or adapted for people with some type of disability. In the state of Rondônia, this subject is suggested for ninth-grade classes. This way, a project was developed with two 9th grade classes (54 students, aged between 14 and 17 years old) from a peripheral school in a municipality located in Vale do Guaporé – RO. The actions sought to provide students with greater knowledge about adapted sports practice. The project's actions involved a theoretical lecture, a documentary on the subject, a conversation circle with local parathletes and practical experiences of athletics adapted for people with disabilities, "golbol" and sitting volleyball. Positive results were obtained, since it involved the participation of all students in the activities, promoted the knowledge about new sports and the reflection on prejudice and social inclusion. It is possible to work paralympic sports in the school context, with adaptations or not, promoting varied and important learning to students.

Recebido em: 07/06/2020

Aceito em: 20/07/2020

Keywords: adapted sports; inclusion; school physical education.

INTRODUÇÃO

“Esportes ‘paraquê?’” foi uma pergunta utilizada em alusão a um possível questionamento inicial sobre o esporte paralímpico/adaptado. Assim, o esporte adaptado pode ser entendido como a modalidade esportiva que foi modificada ou criada para atender às necessidades únicas de pessoas com algum tipo de deficiência (GORGATTI; GORGATTI, 2005). O esporte adaptado surgiu no começo do século XX com esportes para deficientes auditivos. Posteriormente, incluiu deficientes visuais, e, após a Segunda Guerra Mundial, deficientes físicos, sendo que, no último caso, tinha por objetivo principal promover a reabilitação e a inserção social de soldados mutilados (PAUÊ, 2017). Posteriormente, para além dos objetivos iniciais, esses esportes passaram para o estágio de esporte de alto rendimento.

No Brasil, a prática esportiva por deficientes teve seu marco inicial em 1958. Seguindo a tendência mundial, a prática partiu de iniciativas educacionais, recreativas, terapêuticas e de reabilitação, para, posteriormente, entrar no campo competitivo, surgindo como potência do esporte paralímpico (BUSTO *et al.*, 2013; CARDOSO *et al.*, 2016).

Para os deficientes, a prática esportiva é uma oportunidade de testar e desenvolver suas potencialidades, de evitar enfermidades secundárias, de promover a interação e a integração, de trazer benefícios ao campo psíquico, como a melhoria da autoestima e da autovalorização. A prática esportiva favorece a manutenção e a promoção da saúde, melhora o condicionamento físico e traz outros benefícios (MELO; LÓPEZ, 2002; BUSTO *et al.*, 2013).

No contexto escolar, em Vitória, ES, ao realizar uma intervenção pedagógica sobre esportes adaptados com alunos do 5º ano (havia dois deficientes na turma), Cunha (2013) verificou que as aulas proporcionaram uma maior aproximação entre os alunos para a prática das mesmas atividades. Além disso, as aulas trouxeram conhecimento sobre novas modalidades esportivas, aproximando os alunos dessas práticas, e também modificaram a imagem que os alunos tinham sobre pessoas com deficiência, estimulando o professor regente a trabalhar o tema em suas aulas futuras.

Desenvolvendo um projeto com alunos de 4ª série do Ciclo I, numa escola estadual de Campinas, SP, Salerno e Araújo (2008) trabalharam, com os estudantes, atividades de pesquisa e confecção de cartazes sobre deficiência, promovendo a vivência prática de caminhada com os olhos vendados, e a prática de golbol e vôlei sentado. Os autores concluíram que a proposta atendeu os objetivos almejados, visto que os alunos perceberam as possibilidades da prática esportiva por deficientes e co-

nheceram novos esportes. Ademais, os autores supracitados salientam que o esporte adaptado, no contexto da educação física escolar, pode favorecer a compreensão das diferenças, e que o fenômeno esportivo pode ser para todos.

Alinhado a isso, Gomes (2017) constatou, em pesquisa realizada em Brasília, DF, que sete de oito docentes pesquisados trabalham o esporte adaptado em suas aulas como uma maneira de desenvolver o tema da inclusão ou como parte do currículo, mesmo que a maioria deles não tenham alunos com deficiência em suas turmas. Os mesmos professores relataram que a falta de materiais específicos e espaço adequado são os principais obstáculos para trabalhar esse tema em suas aulas.

No estado de Rondônia, o Referencial Curricular (RONDÔNIA, 2013) propõe que os temas *esporte e inclusão* (paralímpicos) e *esporte e participação* sejam trabalhados em turmas do nono ano, período em que as competências/habilidades a serem atingidas abrangem: manifestação de atitudes positivas que viabilizem o desenvolvimento de valores humanos no cotidiano escolar e social; conhecimento e valorização da pluralidade do patrimônio e dos aspectos socioculturais brasileiros, posicionando-se contra qualquer discriminação; e síntese do conhecimento por meio de relato de experiência.

Assim, executou-se este projeto para que os alunos tivessem uma maior proximidade com o tema, tanto de maneira teórica, quanto de maneira prática, de modo a conhecer e valorizar o esporte adaptado/paralímpico em um contexto amplo. Ademais, as vivências, mesmo que de forma mínima, contribuem para a percepção corporal, para a noção espaço-temporal, para o respeito às diferenças, e para a compreensão, como ocorre com a prática esportiva por deficientes e com o entendimento das dificuldades enfrentadas por essas pessoas.

Além disso, ambas as turmas atendidas no projeto estavam apresentando um relativo desânimo com os estudos e com as perspectivas para a vida pessoal e profissional. Então, acreditou-se que a troca de experiências por meio da execução desse projeto poderia interferir positivamente nessa questão. Assim, o objetivo deste trabalho foi relatar o desenvolvimento de atividades esportivas paralímpicas/adaptadas em aulas de educação física de turmas do 9º ano de uma escola pública localizada no Vale do Guaporé, RO.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como um estudo qualitativo do tipo relato de experiência. Nos estudos qualitativos, a coleta dos dados permite sua descrição; necessita-se valer de textos narrativos, matrizes, esquemas etc.; é possível representar as opiniões e as perspectivas das pessoas envolvidas no estudo;

e levam-se em consideração as condições contextuais a que o público-alvo pertence (GIL, 2002; YIN, 2016).

As atividades foram desenvolvidas em uma instituição localizada em uma região periférica de uma cidade no Vale do Guaporé, RO. Essa escola atendia 471 alunos, do 4º ao 9º ano. O grupo envolvido pelo projeto contava com 54 alunos, divididos em duas turmas e com ausência de alunos deficientes. Os alunos tinham idade entre 14 e 17 anos, e as atividades foram realizadas em sete aulas, cada uma com duração de 48 minutos.

A primeira atividade realizada foi a apresentação do tema/projeto aos discentes (uma aula). Utilizou-se como recurso didático a apresentação em *slides* (*datashow* e *notebook*), tendo por objetivo elucidar aspectos relacionados aos esportes paralímpicos. A apresentação incluía histórico, benefícios e apontamentos acerca da escolha da modalidade esportiva para o deficiente; apresentação (com uso de fotografias) de esportes praticados por pessoas com diferentes deficiências (visual – DV, física – DF, mental – DM, auditiva – DA); e desempenho do Brasil ao longo das parolimpíadas (Figura 1).

Posteriormente, realizaram-se as vivências práticas de atletismo adaptado, golbol e voleibol sentado. Na corrida com vendas, utilizou-se TNT (para adaptar as vendas e as cordas utilizadas em corridas para atletas DV), aparelho celular (para marcar o tempo dos corredores em cada bateria) e caderno e caneta (para anotar esses valores). Explicou-se como ocorreria o exercício, salientando-se regras oficiais e fazendo um paralelo com a atividade que realizariam. Utilizou-se uma aula para essa atividade. A vivência prática realizou-se no pátio da escola, sem a demarcação de raias, num percurso médio de 20 m (Figura 2).

Para o arremesso de peso adaptado, utilizou-se um peso de 2 kg, que deveria ser arremessado pelos alunos sentados numa

cadeira. Quanto às regras seguidas, o arremesso deveria sair próximo da orelha, e não era permitido deslocar a região pélvica da cadeira. Cada aluno teve direito a dois arremessos, que, se validados, seriam quantificados com o uso de trena e anotados no caderno para classificação posterior. A vivência foi desenvolvida em uma aula (Figura 3).

Com relação ao golbol, antes de realizar a vivência com os discentes, o professor realizou um curso virtual para obter mais conhecimento sobre o esporte. Para a prática, adaptou-se a quadra no pátio da escola, reduzindo seu tamanho para 12 m de comprimento e 6 m de largura, em vez de 18 m x 9 m, tamanho oficial da quadra. Fez-se a medição com trena, e as áreas foram demarcadas com barbante e fixadas com fita adesiva. As balizas (gols) foram delimitadas com cones, e a bola usada foi adaptada a partir de uma bola de basquete, papel de presente e fita adesiva (Figura 4 e 5).

Para a prática, seguiram-se as regras oficiais do jogo. Formaram-se times mistos de três alunos, que competiram entre si num torneio “mata-mata”, com tempo de jogo de três minutos, em uma aula de 48 minutos. Inicialmente, os alunos percorreram a quadra sem as vendas (adaptadas com TNT), enquanto se explicavam as regras do jogo, o posicionamento e as ações de ataque e de defesa. Já com as vendas, foram posicionados e orientados para o jogo (Figura 6 e 7).

Para o voleibol sentado, utilizou-se a mesma marcação da quadra de golbol (12m x 6 m). Antes da prática, foram explicadas as regras do jogo. A rede foi amarrada em pilares existentes no pátio, a uma altura média de um metro. Fizeram-se times mistos com seis alunos. Em uma aula, esses alunos competiram

Figura 1 – Aula expositiva na turma do 9º B



Fonte: Do próprio autor.

Figura 2 – Organização para a vivência de corrida com vendas



Fonte: Do próprio autor.

Figura 3 – Vivência de arremesso de peso adaptado

Fonte: Do próprio autor.

Figura 4 – Demarcação da quadra tátil

Fonte: Do próprio autor.

Figura 5 – Bola de basquete adaptada para golbol

Fonte: Do próprio autor.

entre si em *sets* de 10 pontos, levando em consideração a diferença mínima de dois pontos (Figura 8).

A roda de conversa com paratletas da cidade foi oportunizada por meio de uma parceria entre professores da escola e da APAE, com o objetivo de compartilhar a vivência entre os atletas com deficiência e os alunos participantes do projeto. A roda de conversa teve duração de 48 minutos (uma aula) (Figura 9).

Foi solicitado aos alunos um relatório escrito sobre a roda de conversa, e também as suas análises sobre as ações desenvolvidas durante o projeto (pontos positivos, negativos, aspectos que chamaram sua atenção, relatos pessoais baseados nas vi-

vências etc.). Foram retirados desses relatórios os depoimentos citados na seção *resultados e discussão*.

A atividade final foi a exibição de um documentário que retratava a preparação e a vida de alguns paratletas para a fase de preparação dos Jogos Paralímpicos de 2016. O documentário foi exibido na sala de cinema da escola em duas aulas. Essa etapa do projeto se fez interessante porque os alunos puderam vislumbrar, através do vídeo, os desafios que um atleta paralímpico enfrenta em seu cotidiano, além de ter uma melhor noção de algumas competições.

Vale destacar que, nas atividades de corrida com venda, de peso adaptado e de golbol, os alunos vencedores foram premia-

Figura 6 – Orientação a discente (9º B) sobre a demarcação em relevo da quadra



Fonte: Do próprio autor.

Figura 7 – Vivência de golbol. Turma do 9º B



Fonte: Do próprio autor.

Figura 8 – Vivência de voleibol sentado



Fonte: Do próprio autor.

Figura 9 – Foto panorâmica da roda de conversa com paratletas na turma do 9º A



Fonte: Do próprio autor.

dos com um bombom, como uma forma de representação da premiação dada aos atletas paralímpicos em suas competições oficiais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto apresentou resultados satisfatórios, pois envolveu a participação de todos os alunos das duas turmas, até mesmo

daqueles que não tinham o costume de participar das atividades práticas com os esportes básicos comuns. Isso reforça a ideia de que a educação física deve ofertar aos alunos a vivência em modalidades esportivas diversas e promover uma discussão sobre as diferentes repercussões que as envolvem (SALERNO; ARAÚJO, 2008).

Para a aluna M.E.P.S. (9º B), “é um tema novo pra mim, já que eu nunca estudei sobre em todos esses anos, e mesmo

tendo praticado como tutora no atletismo, não tinha noção da realidade desse tipo de esporte”. Já J.A.C. (9º B), em seu relatório, expôs o seguinte: “em relação aos esportes que estamos praticando eu tô gostando muito porque estamos conhecendo novos esportes... e estamos vendo como é estar no lugar deles (deficientes)”.

A discente D.S.S. (9º B) relatou:

Achei muito interessante a forma que o professor está dando, ou seja, elaborando, essas aulas, porque são criativas, legais de se participar, e faz com que nos que não tenhamos deficiência se colocar no lugar deles... podia ter até mais vezes este tipo de atividades, porque além da gente aprender os esportes, nos aprendemos que nenhuma deficiência impede você, eu, nós, de ser feliz e fazer as coisas que gostamos.

Na vivência de arremesso de peso adaptado, na turma do 9º A, faltaram três discentes; outros dois não participaram por motivos de saúde. Na turma do 9º B, cinco alunos não estavam presentes no dia dessa vivência. Dos arremessos totais, dez foram considerados irregulares (sete no 9º A e três no 9º B), não sendo, portanto, realizadas as suas medidas, principalmente por ter havido deslocamento da região pélvica da cadeira. Essa foi a principal dificuldade encontrada no decorrer dessa atividade.

Em atividades envolvendo a deficiência visual, ou sua simulação, o ideal é que o aluno esteja familiarizado com o espaço físico, com o percurso, com as inclinações do terreno e com as diferenças de piso, para evitar possíveis acidentes, lesões e quedas. O aluno precisa ser instruído verbalmente de maneira clara, possibilitando que compreenda a atividade proposta (CIDADE; FREITAS, 2002). A partir disso e a partir da experiência realizada, sugere-se que o material utilizado na corrida com vendas, para manter a pessoa vendada conectada ao guia, seja mais resistente que o TNT, pois, durante a atividade prática na turma do 9º A, ocorreu a ruptura do tecido que estava sendo utilizado para tal finalidade. Ademais, a corrida pode ser substituída por uma caminhada, caso o ambiente não proporcione segurança, ou caso o docente não se sinta seguro para realizar a prática.

A corrida com vendas, ou a caminhada, contribui para que os alunos tenham noção de como ocorre a corrida para deficientes visuais. Os alunos percebem a importância do guia e, conseqüentemente, da confiança, dos equipamentos utilizados. A atividade também permite trabalhar a coordenação motora e

outros aspectos físicos, além de possibilitar “você estar no lugar da pessoa que não enxerga” (R.C.A.F., 9º B).

No golbol, os educandos compreenderam rapidamente as regras de jogo, não apresentando dificuldades com relação à movimentação de ataque e defesa. Houve alguns arremessos para fora da área de jogo, fato relacionado ao uso das vendas, que, para eles, dificultaram a localização espacial. Enquanto aguardavam chegar o momento do seu jogo, cabe destacar que os alunos contribuía com os comandos de voz (bola fora, bloqueio, gol). Entretanto, por vezes, isso gerou barulhos desnecessários. Assim, sugere-se, nesta atividade, que sejam selecionados alguns poucos alunos para serem monitores e colaborar com o professor nos comandos de voz e em outras ações requeridas, para evitar tumulto em demasia.

Em pesquisa envolvendo o voleibol sentado, realizada em Vinhedo, SP, Borgmann *et al.* (2016) concluíram que a similaridade com o voleibol convencional e a aplicabilidade na realidade escolar favoreceram o desenvolvimento de atitudes positivas, de compreensão e de respeito pelas pessoas com deficiência física em grande parte dos alunos que participaram das aulas. Para os autores, atividades de familiarização com o esporte devem ser trabalhadas desde os anos iniciais do ensino fundamental, em função da complexidade dos fundamentos técnicos da modalidade e para reduzir frustrações com a sua realização.

Nas aulas, a dificuldade de movimentação e adequação dos fundamentos básicos do vôlei para a prática sentada e a retirada constante do quadril do chão foram as principais complicações verificadas pelos alunos. Deixa-se, como sugestão, iniciar as atividades sem o uso dos fundamentos básicos (saque, toque, manchete e corte), permitindo que os alunos segurem a bola por determinado tempo, progredindo a dificuldade com o passar da atividade.

Para a roda de conversa, inicialmente fez-se uma apresentação dos participantes, e os paratletas expuseram suas experiências com o esporte, elencando suas dificuldades, seus anseios, suas conquistas e a importância da prática esportiva para a sua vida. Posteriormente, a conversa foi aberta para que os alunos fizessem perguntas previamente solicitadas, e para que tirassem dúvidas. Em ambas as turmas, observaram-se questionamentos interessantes feitos pelos alunos, envolvendo, por exemplo, os anseios dos paratletas para o futuro esportivo, as dificuldades encontradas na aproximação com o esporte, perguntas sobre quem eram os seus incentivadores, e perguntas

a respeito da vontade ou não de praticar outras modalidades esportivas.

Nessa vivência, foi possível trabalhar o desânimo e a falta de perspectivas pessoais verificadas previamente nas turmas participantes da ação:

Conhecer essas pessoas me deu vários motivos pra acreditar na vida... essas pessoas faz pensar que as barreiras são feitas para serem quebradas e que o preconceito não existe... foi uma coisa criada pra pessoas que não consegue ser feliz sozinho e tem inveja da felicidade das outras pessoas. (C.A.S., da turma do 9º A).

Foi tão emocionante até chorei várias vezes... melhor experiência. (S.M.G.R., da turma do 9º B).

Verificou-se ainda que a roda de conversa contribuiu para a reflexão sobre o preconceito, conforme relato do aluno J.A.M.A., do 9º A, que expôs sua opinião sobre a atividade: “também me ajudou a lidar com o preconceito que tenho e acredito que os colegas também tiveram uma reflexão sobre o assunto”.

De fato, a educação física escolar possui um campo rico de possibilidades, visando superar preconceitos e limites impostos historicamente às questões de gênero (SANTOS *et al.* 2015) e outras formas de discriminação. Cabe ao educador físico intervir na formação de valores do seu alunado e na transmissão de conhecimentos, desvinculando-se de qualquer viés que venha a reproduzir atitudes preconceituosas, buscando sempre colocar em discussão os preconceitos raciais, étnicos, de gênero, e os preconceitos estéticos ou de qualquer outro tipo (BOZI *et al.*, 2008).

Especificamente com a roda de conversa, sugere-se, no caso de reprodução dessa experiência, que se disponibilize uma quantidade maior de tempo (aulas), pois em ambas as turmas ficaram perguntas por fazer, pois a dinâmica foi muito proveitosa, e os alunos queriam debater mais tempo com os paratletas.

No campo conceitual, o tema *esportes adaptados/paralímpicos* foi trabalhado pela apresentação de conceitos históricos e aspectos teóricos e procedimentais, com a realização das práticas esportivas e atitudinais mediante reflexões proporcionadas pelas diferentes etapas do projeto, de forma que os alunos se aproximaram de novas modalidades esportivas. O trabalho esteve aliado a atitudes de respeito e inclusão, contribuindo para

o processo de ensino-aprendizagem e para a formação integral dos alunos.

Os relatos dos discentes permitem analisar que o trabalho com as atividades esportivas adaptadas na escola vai além do campo físico e do aprendizado esportivo, porque possibilita trabalhar temas como acessibilidade, respeito ao próximo e suas limitações, empatia e inclusão. Esse pensamento é reforçado por Cunha (2013), ao apontar que o esporte adaptado, nas aulas de educação física escolar, deve ser considerado em seus aspectos psicomotores, sociorrelacionais e cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível trabalhar esportes paralímpicos no contexto escolar, com adaptações ou não, de modo que os alunos, mesmo não tendo deficiências, possam aprender mais sobre o tema e conhecer novas modalidades esportivas, além de vislumbrar aspectos relacionados à empatia e refletir sobre o preconceito e a inclusão social.

AGRADECIMENTOS

À escola M.C.R. e aos alunos participantes do projeto. A Júnior Guedes pelo apoio na elaboração do projeto. A Angly e Lucas por auxiliarem na revisão do artigo. Aos professores e alunos da APAE pelas contribuições enriquecedoras. A Secretaria de Estado da Educação de Rondônia, por meio da Gerencia de Educação Física, Arte, Cultura e Esporte Escolar, pela oportunidade de participação no prêmio “V Prêmio Experiência de Sucesso – Educação Física Escolar”.

REFERÊNCIAS

- BORGMANN, T.; PENA, L. G. S.; ALMEIDA, J. J. G. O ensino do voleibol sentado nas aulas de educação física escolar. **Revista da Sobama**, Marília, v. 17, n. 2, p. 9-16, jul./dez., 2016.
- BOZI, L. H. M.; MIRANDA, D. G. J.; MELO, A. L. M.; ESPERANÇA, R. A. A. Educação Física escolar: principais formas de preconceito. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 12, n. 117, p. 1-6, 2008.
- BUSTO, R. M.; ACHOUR JUNIOR, A.; BRANCHER, J. D.; GOMES, A. C.; SOUZA, R. B.; MOREIRA, R. S. Esportes paralímpicos: Uma proposta de intervenção. *In*: VII Congresso Brasileiro Multidisciplinar De Educação Especial, 2013, Londrina. **Anais...** VII Congresso

Brasileiro Multidisciplinar De Educação Especial, 2013. p. 3748-3759.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; MAZO, J. Z.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. Esporte paraolímpico no Brasil: de sua estruturação a sua consolidação. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, Porto, v. 16, n. 1, p. 59-73, 2016.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação Física e inclusão: considerações para a prática na escola. **Revista Integração**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 26-30, 2002.

CUNHA, L. M. **O esporte adaptado como conteúdo nas aulas de educação física**. 2013. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. SP: Atlas, 2002. 176 p.

GOMES, B. S. **O esporte adaptado na educação física escolar em três Escolas Parque do DF**. 2017. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. *In*: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.), **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri: Manole, 2005. p. 532-568.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. O Esporte Adaptado. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 51, p. 1-6, ago. 2002.

PAUÊ AAGAARD. **Esporte Adaptado – História e importância**. Santos, SP, 2008. Disponível em: <http://www.paue.com.br/esporte-adaptado-historia-e-importancia/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

RONDÔNIA. **Referencial Curricular de Rondônia: Ensino Fundamental**. Governo do estado de Rondônia: Secretaria de Estado da Educação, 2013. 280 p.

SALERNO, M. B.; ARAÚJO, P. F. Esporte adaptado como tema da educação física escolar. **Conexões**, Campinas, v. 6, ed. Especial, p. 212-221, 2008.

SANTOS, A. S.; BONFIM, C. R. S.; SANTOS, P. A. C. Educação física escolar: contribuições para a superação do preconceito de gênero no esporte. *In*: IV Simpósio Internacional de Educação Sexual – IV SIES, 2015, Maringá, PR, **Anais... IV Simpósio Internacional de Educação**

Sexual – IV SIES, 2015. p. 01-15.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016. 51 p.

CURRÍCULO

* Licenciatura em Educação Física e pós-graduação em metodologia e didática do ensino superior. Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (SEDUC/RO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0612300232180051>